

MARGARIDA
PITEIRA BAPTISTA

É esse
silêncio
que eu
quero
ouvir





Uma chancela da Zero a Oito — Edição e Conteúdos, Lda.

Morada: Rua Castilho, 57 — 1.º direito, 1250-068 Lisboa
Telefone: 213 713 130
Fax: 213 713 139
E-mail: publicacoes@zeroaoito.pt

Título: *É esse silêncio que eu quero ouvir*
Texto: Margarida Piteira Baptista
Revisão: Teresa Machado
Paginação: dprojetos.pt
Capa: Ideias com Peso
Fotografia da autora: Ana Semide

1.ª edição: maio 2018
ISBN: 978-989-776-065-5
Depósito legal: 438742/18
Impressão e acabamento: Multitipo, Artes Gráficas, Lda

© 2018, Zero a Oito. Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por processo eletrónico ou mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem prévia autorização por escrito da Zero a Oito.

À minha Mãe.



«[Évora] Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reais que, cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.»

Os Lusíadas – Canto III, Estrofe 63



Avó Custódia

Lisboa, quarta-feira, 6 de abril de 2005

«[...] por óbito do sr. Joaquim Curvo Resende Saraiva Vidigal, foi aberta a respetiva herança, tendo-se verificado que o falecido lavrou testamento, nomeando como legatária a sra. D. Maria do Carmo Martins, sendo-lhe atribuída a Herdade dos Grifos».

Maria do Carmo franziu a testa e arregalou os olhos; releu e voltou a ler a carta que acabara de receber, que estranho! O que é que isto quer dizer? Joaquim Vidigal... Quem é este tipo? De que terá morrido? Onde será a Herdade dos Grifos? No Alentejo?...

Sacudiu-a uma guinada de ansiedade que lhe subiu das entranhas, provocando-lhe uma ligeira dor de barriga. Sem dúvida que a carta lhe era dirigida, estava lá o seu nome, mas nexo não lhe encontrava algum. Entrou em casa, livrou-se dos sapatos altos, para gáudio dos pés massacrados, e deteve-se à entrada da sala, decorada com cores quentes e motivos florais a invocar uma alegria à espera de resgate, enquanto tamborilava com a ponta dos dedos na cómoda D. José, em pau-santo, comprada com o dinheiro do seu trabalho. A peça emprestava à entrada da casa, na rua Ivens, um ar solene e dispensava a quinquilharia comum em cima das mesas. Olhava sem ver, passando a mão pelo queixo e pela boca,

em gestos repetidos, como se a massagem do rosto, ao chamar à superfície o sangue quente, libertasse alguma ideia coagulada.

A carta vinha remetida por um tal Francisco Loreto Correia que se identificava como testamenteiro de Joaquim Vidigal e que, por conseguinte, estava encarregue de fazer cumprir o testamento. *Será que este Joaquim Vidigal é meu parente afastado? Nunca ouvi falar em tal nome...* Mas a verdade é que também nunca soube grandes histórias da família. A constatação deste facto nauseou-a, e invadiu-a outra vez aquele vazio taciturno a clamar por uma essência que não encontrava.

Com apenas doze anos, a mãe, alentejana, tinha vindo para o liceu em Lisboa, conheceu o pai na faculdade, nunca desfilara narrativas da sua meninice, e Maria do Carmo tinha nascido e estudado na capital ancorando nesta as suas raízes. As memórias de infância eram escassas, resumindo-se a episódios isolados, cronologicamente desordenados.

As incursões ao Alentejo faziam-se regularmente no Natal, na Páscoa e nas férias de verão. Os avós moravam numa courela, junto a uma pequena aldeia, perto de Évora, onde a família se reunia nas épocas festivas ou para a matança do porco.

A casa, numa das extremas do terreno, era caiada de branco todos os verões pelo pessoal que lá andava na ceifa e que, entre outubro e dezembro, varejavam, os homens, e andavam curvadas, as mulheres, na apanha da azeitona. Os pedregulhos de cal chegavam numa camioneta, e num pote grande juntavam-se as pedras com água do poço, na qual diziam estar diluído o espírito do Amâncio, o irmão mais novo da avó. Com um parafuso a menos e sem nunca ter visto o mar, o Amâncio, numa manhã de inverno, foi atingido pela curiosidade mórbida acerca dos sentimentos dos peixes. E então, todo nu, atirou-se para o poço. Nunca se soube se morreu afogado ou se espatifado devido à queda, porque o assunto tornou-se tabu. Ao longe, avistava-se um moinho daqueles onde outrora se moía o trigo, corpo do

pão que alimentava Portugal, e que terá sido provavelmente a última visão do defunto.

Maria do Carmo era a única rapariga no total de oito netos de Custódia e André. Juntava-se aos primos e tios nas «atividades dos homens», conhecendo desde cedo o prazer das cartas e aprendendo as astúcias de uma boa lerpada, da sueca ou do *king*.

As crianças mais novas matavam moscas, que iam acumulando numa caixa de fósforos, e o avô André pagava-lhes dois tostões por cada inseto abatido. Com o espólio dirigiam-se depois à taberna da aldeia e compravam pastilhas *Gorila* que dividiam com a matemática inventada pelo Henrique, o mais velho dos mais novos, *uma para mim, uma para ti, Carmo; uma para mim, uma para ti, João; uma para mim, uma para ti, Zé*. Esta ladainha permitia que, no final da partilha, o quinhão do Henrique fosse substancialmente maior do que o dos restantes sem que ninguém percebesse como é que aquilo tinha acontecido. Só mais tarde descobririam que afinal a matemática era uma ciência exata, sem *nuances* sobrenaturais. Os netos mais velhos iam dar tiros com a caçadeira para o quintal da casa, atingindo indiscriminadamente pardais e melros, numa prática arcaica e primitiva sublimando uma genética violenta.

Sob a superintendência da avó, a vida acontecia na cozinha ampla, mas sem grandes pretensões: uma mesa comprida de madeira, coberta em permanência com uma toalha de plástico aos quadrados brancos e amarelos, e rodeada por cadeiras encarniçadas com tampo de palha, um armário com loiças dispostas anarquicamente e uma bancada onde estava o fogão, tudo assente no chão de barro avivado pela mistura de pó ocre, verniz e aguarrás.

Era aqui que a mulher advertia os netos para os perigos dos tremores de terra, aconselhando-os, aquando da ocorrência de um, a abrigarem-se debaixo da ombreira da porta da dispensa, rezando a São Bartolomeu para que esta estivesse atolada, garantindo-lhes alimento enquanto permanecessem no meio dos escombros. Isto porque o risco de correr pela rua era elevado, não fosse abrir-se de

repente uma enorme fenda onde eles caíssem e sufocassem, quando fechasse, como aconteceu a uma menina que ela conhecia e ao seu avô, e que os bombeiros só descobriram dias mais tarde, porque o velhote deixara uma mão de fora.

O quarto dos avós no andar de cima dava passagem para os restantes, funcionando como uma espécie de antecâmara de censura ou de guarda de honra. Aos pés da cama presidia um oratório, onde nunca ninguém rezava, carregado de lamparinas e de pagelas, que mais parecia um quiosque lisboeta qualquer com as cautelas penduradas. Entre Cristo crucificado, virgens e santinhos havia de tudo um pouco, até um penacho de cabelo castanho, facilitando o atalho até Deus e aumentando as probabilidades de alguém acudir às horas de aflição — um penacho de cabelo castanho, fiel guardador de um viver retrospectivo. Noutras alturas a reza rogava a proteção divina ou afugentava o demónio, como quando a água do poço gelava e o espírito velhaco do Amâncio deambulava pela casa. *Que Deus te dê muita saudinha*, dizia a avó.

Invariavelmente Custódia acordava a meio da noite com vontade de urinar. Levantava-se, abria a portinhola da mesa de cabeceira, a madeira seca e dilatada pelo calor rangia, e tirava o bacio. Erguia a camisa de noite comprida, baixava as cuecas e, durante alguns segundos, a urina a respingar no metal da vasilha sugeria asco ou sede, consoante o estágio do sono em que se encontrassem os demais. Feito o serviço, subia as cuecas, voltava a guardar no móvel o bacio, donde se soltava um vapor quente com forte cheiro a mofo, e ia espreitar quem dormia ou fingia dormir. Se porventura algum dos netos mais refratário ousava iniciar uma rebelião, incentivando os congéneres a simular, por exemplo, o alucinado do Amâncio, apressava-se sem pudor nas vestes menores, levantava o braço direito, deixando antever os seios vazios e descaídos, e arrojava o alicate, que tinha sempre à cabeceira, em direção à testa do desordeiro; *eeeh, gaiato de má raça!*

Foi assim que os moços aprenderam desde cedo a esquivarem-se com perícia às contrariedades da vida.

Ao pequeno-almoço já ninguém parecia lembrar-se da noite anterior e, numa estranha dedicação, a avó untava fatias grossas de pão alentejano — cozido no forno do pátio uma vez por semana, depois de as mulheres amassarem farinha, com água e fermento, e deixarem a massa em repouso de um dia para o outro — com margarina e açúcar, pois *a gaiatada tem de enrijar*.

O que mais fascinava Maria do Carmo era a matança do porco, pela união da família numa empreitada comum e pelo privilégio de assistir a um momento desconhecido das suas amigas da escola, em Lisboa, pasmadas perante o posterior relato minucioso.

O espaço transformava-se em palco de uma ópera, dirigida pela avó e encenada pelos primos e tios, o avô André, o pastor Bezerra, o boieiro Banha e, claro, o bácoro, numa exaltação aos sentidos ao som do coro dos gaiatos. Lá fora, no quintal abaixo da cozinha, o animal iniciava o libreto, debatendo-se e grunhindo, enquanto os homens lhe amarravam as patas e o pousavam em cima da mesa de matança. A seguir, um dos primos mais velhos brandia o facalhão afiado e reluzente e, com um movimento forte e certo, apunhalava-o no coração. O sangue quente que jorrava em jatos violentos era recolhido num tacho de cobre, preparado com sal, louro e vinagre, para que não coalhasse, numa cuidada encenação. A esta altura a guincharia atingia decibéis ensurdecedores que se iam desvanecendo à medida que o tenor se finava. Após o ronco final, o Bezerra pegava num maçarico e deitava fogo ao bicho. A pele e o pelo queimados libertavam um cheiro orgânico ressequido, inconfundível.

O porco era então pendurado de cabeça para baixo nas traves do teto da divisão que separava o quintal da cozinha, qual prova da carnificina de momentos antes; o sangue escorria-lhe das entranhas, saindo pela boca para tigelas de barro. Depois, a avó Custódia, com aquele gosto particular pelo sórdido, cortava aos pedaços o fígado, os bofes, o coração e os rins do animal para um tacho de barro. O cheiro nauseabundo do refogado entranhava-se na pele mole e nos cabelos brancos e ralos da anciã, em jeito de estripadora alentejana. À mistela juntava-se então o sangue para

engrossar o caldo e cozer até formar outra mixórdia heterogénea, escura e viscosa, apurando o petisco. Depois, o caldo era derramado sobre fatias de pão e a carne servida numa travessa glorificando o paladar dos verdadeiros nativos.

Nestas alturas, Maria do Carmo sofria crises de azia e comia ovos mexidos, sempre com pão a acompanhar, caso contrário *o fígado vai-se-te desfazendo aos poucos dentro do corpo*, culminando numa morte impiedosa, dizia a avó. Pior do que isto, só mesmo *uma bebida gelada enquanto estiveres fazendo a digestão, aí é certo; acontece-te o mesmo que ao meu pai, que Deus o tenha, que morreu engelhado com dores, de uma paragem da digestão que lhe deu, depois de emborcar cinquenta cervejas geladinhas em cima dos pezinhos de porco de coentrada*. Gesticulava, fazendo notar aquela saliência brilhante perto do começo da unha, no dedo médio da mão direita, onde por debaixo da pele tinha um bico partido de carvão. Havia-se ali espetado firmemente na primeira vez que pegara num lápis, numa tentativa de aprender uma ou outra letra. Não o tirou, o corpo incorporou-o e ela nunca mais quis saber de escrever.

Divididas entre o bico do lápis e a aliança grossa de ouro submersa pela pele do anelar esquerdo, as crianças olhavam para ela estarecidas ou encantadas, perante a descrição minuciosa dos espasmos violentos a que a avó assistira enquanto o pai definhava.

A morte do bisavô foi sobretudo um alívio para os primos mais velhos. Sem pernas e confinado a uma cadeira, erguia a bengala, desenhando no ar o maior arco que conseguisse, e apanhava-os, desprevenidos, pelo pescoço, puxando-os vigorosamente e dando-lhes as necessárias pauladas, porque *isto da vida não é para franganitos*. Constava que tinha enviuvado depois de uma merecida tarefa que dera à mulher por ela lhe faltar com a pinga e, como o álcool o fazia delirar por excesso e por defeito, arremessou-lhe o cabo do cajado aos tornozelos; a desgraçada caiu, partiu o fémur e levou pancada até ficar inconsciente, enquanto o marido bramia como um louco.

Lembrou-se das mulheres à lareira, das tias e da sua mãe, Maria Florinda: sentavam-se em cadeiras baixas, de palha, e enchiam as

tripas cinzentas e moles do porco com a carne brilhante e de um intenso vermelho por causa do pimentão, que elas iam tirando da almofia a seus pés. A expressão «encher chouriços» ganhava vida cénica, e, enquanto empurravam e pressionavam com o polegar a carne para dentro da tripa, assacavam as culpas dos seus desaires ao primeiro que se pusesse a jeito, opinavam sobre a vida da gente da aldeia num rol de mexericos, uns verdadeiros outros falsos, quase sempre a reprovar condutas alheias ou a invejar a boa sorte de quem a não merecia. Lamentavam a mudança dos tempos e contestavam a reforma agrária. *Salazar foi um grande homem! Nessa altura andava tudo na ordem, pianinho. O 25 de Abril o que fez foi abrir as portas à bandalheira e à pouca-vergonha, é o que é. Acabaram-se os princípios, já não há respeito por nada.*

Havia qualquer coisa indizível em Maria Florinda que destoava naquele cenário, como nas imagens repletas de figuras iguais em que uma, menos igual, se destaca. Ao lado dos despojos do suíno, costurava e autoexcluía-se da cadeia da bisbilhotice, concentrando-se nos afazeres manuais. Raramente abria a boca e, quando o fazia, não dizia nada de jeito. Sem dúvida, Custódia intimidava esta filha, de postura serviçal, que acatava com a mesma cara as ordens, as repreensões e os elogios, se porventura os houvesse. Agia como se a sua mãe fosse dotada de habilidades extrassensorias e, não sabendo o que poderia vir dali, o melhor era ter cautela.

Encostada ao fogão, à avó, baixa e rechonchuda, de olhos ávidos e «ouvidos de tísica», não lhe escapava nada. Por essa ou por outra razão qualquer tinha exageradamente desenvolvido o trago, aquela cartilagem saliente, acima do lóbulo da orelha que, além da desproporção do tamanho, se revestia de uma avantajada massa gorda, parecendo que umas asas lhe tapavam a entrada dos ouvidos.

O badalar dos sinos da Basílica dos Mártires, anunciando a missa das sete, trouxe Maria do Carmo de volta a Lisboa e à carta que segurava. Leu-a por mais uma vez, demoradamente, à espera de uma epifania, talvez o melhor seja procurar a resposta para esta

situação bizarra junto deste Francisco. No rodapé da folha, logo abaixo da morada de proveniência, estava inscrito um número de telefone de uma sociedade de advogados, situada ali ao lado, na rua Nova da Trindade. Abriu uma garrafa de vinho, serviu-se de um copo e decidiu telefonar para lá no dia seguinte; estava exausta e por isso pôs de lado a hipótese de partilhar com Tomás o que estava a acontecer. Inculcado por uma inveja revoltada, antecipava quase sempre catastroficamente as ocasiões indefinidas com todo o fulgor de uma sentença.

Uma conversa acerca da possibilidade de viverem juntos tinha-se tornado numa acesa discussão — ele não queria ir viver com ela nem permitia que ela fosse viver para casa dele — que se incendiou quando ela revelou o desejo de ser mãe. Não existia da parte dele qualquer necessidade de alterarem o estado das coisas, conquanto da parte dela a vontade de mudança fosse enorme. Acusava-a de não lhe dar a segurança de que um homem precisa, afirmava nesse momento ter outras prioridades, reiterava não haver condições logísticas que permitissem uma vida em comum, nomeadamente o facto de ter uma filha já adulta sem qualquer interesse em dividir o espaço dela com Maria do Carmo e, sob esse escudo, ocultava motivações que nem ele próprio possivelmente conhecia. Havia três dias que eles não se falavam, e Maria do Carmo, apesar de num permanente mal-estar, aceitava esta ausência com toda a paz ansiosa que lhe impunha o desgaste, enchendo-se de sentimentos contraditórios.

Perante as memórias desagradáveis, nestas horas amargas empreendia profundas reflexões, perscrutando que razões obscuras estariam por detrás de reacções tão insólitas daquele que não se cansava de repetir o quanto a amava.

Saboreando as agruras do amor, reconfortou-se bebendo mais um copo de vinho e abrindo uma lata de grão que comeu, temperada com azeite, vinagre, sal e orégãos, pacificando assim o cérebro veloz em busca de um sentido para a sua vida, na ânsia dessa experiência subjetiva da mente que alivia o tédio.

Lá fora já estava escuro, e o castelo de São Jorge impunha-se ao longe, recortado no céu, com o casario a prestar-lhe vassalagem. A Lisboa iluminada fundia-se com as estrelas. A cidade era um portento. Maria do Carmo não conseguia ficar indiferente à força avassaladora do que é belo. Nascera com aquela sensibilidade que dá solidez à intuição e, pela primeira vez, reparou que o céu visto da courela do Alentejo era muito maior do que o céu visto daquela estreita varanda de ferro forjado no terceiro andar.

Nessa noite não conseguiu conciliar o sono, lembrou-se da vez em que a *Bolinhas*, a rafeira de estimação do avô, havia emprenhado de um rafeiro alentejano. A avó Custódia não teve outra hipótese senão afogar as tétricas crias num balde com água, mas, como o óbito dos canitos foi demorado e agonizante, mudou de estratégia e, aos restantes, arremessou-lhes a cabeça contra uma pedra; *estes, sim, tiveram uma morte santa.*